

## Representações do futebol feminino: análise de recepção de notícias do portal Globo.com sobre as Olimpíadas de Londres 2012<sup>1</sup>

Marcelo Fernando de LIMA<sup>2</sup>  
Andressa Yamashita MELLO<sup>3</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar as representações sociais das jogadoras da seleção brasileira de futebol feminino construídas pelo portal Globo.com durante o período das Olimpíadas de Londres 2012. Buscou-se observar a influência dos aspectos socioculturais na construção e na manutenção de estereótipos em relação à mulher esportista. O trabalho fundamenta-se na teoria das representações sociais.

**Palavras-chave:** Comunicação. Recepção. Representações Sociais. Feminismo. Futebol.

### Abstract

This paper aims to analyze the social representations of the players of the Brazil women's national football team made by Globo.com during the period of London 2012 Olympic Games. We sought to understand the influence of social and cultural aspects in the construction and retention of stereotypes of sportswomen. This study is based upon social representations theory.

**Keywords:** Communication. Reception. Social Representations. Feminism. Football.

### Introdução

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações sociais (RS) da seleção brasileira feminina de futebol construída pelo portal Globo.com durante as Olimpíadas de Londres de 2012, no período de 27/05 a 12/08. Para contextualizar o

---

<sup>1</sup> Trabalho realizado dentro do projeto de pesquisa “Comunicação e Recepção”.

<sup>2</sup> Doutor em Letras (UFPR). Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: marcelolima@utfpr.edu.br

<sup>3</sup> Graduanda do Curso Tecnológico de Comunicação Institucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - (UTFPR). E-mail: dre.mello@bol.com.br

leitor, o artigo trata das origens do futebol no país, as características elitistas iniciais e sua importância na formação da identidade. Em seguida, explica a origem da divisão em relação às atividades atribuídas aos sexos, o papel dentro e fora de casa. São discutidos também os reflexos dessa dominação no futebol feminino, que vem enfrentando dificuldades estruturais desde sua origem.

A luta das mulheres pela conquista do espaço social e a teoria das representações sociais são apresentadas na sequência. A metodologia utilizada para este trabalho é composta inicialmente de pesquisa bibliográfica sobre futebol, futebol feminino, dominação masculina e mídia; análise das notícias divulgadas no portal Globo.com durante as Olimpíadas de Londres 2012, seguida de aplicação de questionário semiestruturado, com um grupo de seis jogadoras de futebol. Por fim, o artigo expõe a análise das entrevistas.

## **O futebol e o Brasil**

O futebol é um dos maiores fenômenos sociais do Brasil. Ele representa uma parte importante da identidade nacional. O esporte chegou ao país no final do século XIX, quando o brasileiro Charles Miller, filho de ingleses, retornou da Inglaterra, onde a modalidade era popular. Antes da volta de Miller, em 1894, havia indícios de que partidas de futebol foram disputadas em locais precários, normalmente coordenadas por operários ingleses. Ainda que o esporte no Brasil fosse de prática majoritariamente de elite, os primeiros dez anos foram marcados por amadorismo e precariedade face ao alto custo dos uniformes, bolas e equipamentos, tudo importado. A primeira disputa de futebol com as regulamentações oficiais aconteceu em 1895. Os times eram compostos por trabalhadores de indústrias e ferroviários (LEAL, 2001). Em 1902 ocorreram os primeiros campeonatos oficiais de futebol em São Paulo, e em 1906, no Rio de Janeiro. Nessa época, o esporte já havia atraído grande quantidade de torcedores.

No início, o desenvolvimento do futebol foi marcado por forte preconceito com relação aos negros. A partir da formação dos clubes, em 1901, ocorreu a primeira liga, com cinco grêmios. Reconhecido socialmente por ser o esporte elitista e internacional, a imprensa iniciou a cobertura dos jogos. Dentre os cinco clubes, o Mackenzie e o

Paulistano eram exclusivamente brasileiros, na tentativa de impor aos estrangeiros a identidade e as particularidades do país (FRISSELLI, 1999).

Desta forma, a nação dá início ao desenvolvimento do futebol. A primeira década é marcada por progressos, a começar pelo desenvolvimento industrial. O aumento dessa massa de trabalhadores levou à incorporação dos operários no futebol. Durante a República Velha (1889-1930), o país passava por uma fase de expansão industrial. Em decorrência disso, o número de operários aumentou.

A chegada de Getúlio Vargas ao poder, após o rompimento da República café-com-leite, foi o fato que pôs fim ao amadorismo no futebol brasileiro. Vargas conseguiu adesão popular ao perceber a importância que o esporte tinha para o país. Incluiu em seu projeto de governo planos para o desenvolvimento do futebol junto à industrialização, utilizando-o como ferramenta de domínio político. “O esporte era visto como um veículo das aspirações nacionais, e do perfil do brasileiro, razão pela qual Getúlio tratou de controlá-lo” (GUTERMAN, 2010, p.72). Além disso, ao reconhecer o futebol como trabalho remunerado, conquistou a fama de presidente que desejava a inclusão do negro na sociedade.

Posteriormente, com o desempenho da seleção brasileira nas copas do mundo, o Brasil tornou-se conhecido mundialmente. Após o suicídio de Vargas, em 1954, e a eleição de Juscelino Kubitschek, as propostas para uma nova sociedade progressista alcançaram o futebol. Em 1958, com a seleção mais preparada física e tecnicamente, ainda era visível a incredulidade atribuída aos atletas, mesmo após oito anos da derrota na Copa de 50, contra o Uruguai. Este fato motivou os pioneiros da modalidade atribuírem a derrota à ascendência africana, majoritária entre os jogadores, que após a conquista do mundial de 1958 – graças ao estrelato de Pelé e Garrincha – amenizaram o preconceito.

O ano de 1958 foi de ouro para o presidente JK, que assistia aos crescimento industrial do país, que não durou muito tempo. Com uma dívida externa alta após a construção de Brasília, foi substituído por Jânio Quadros, que renunciou após sete meses e deu lugar ao vice João Goulart, deposto pelos militares em 1964. O bicampeonato da seleção em 1962 ainda estava vivo na memória dos brasileiros. O futebol se fortalecia como instrumento mobilizador e hipnótico da massa, cuja conformidade com o subposicionamento social imperou e abdicou da luta pela

liberdade, direcionando esforços apenas para as celebrações esportivas. Em 1969, com Emílio Garrastazu Médici no poder, o esporte se firmou novamente como um poderoso instrumento político, de tal modo que o tetracampeonato da paradoxal Copa de 70 conferiu à ditadura os louros da vitória, não apenas pelo apoio presidencial, ou à hierarquia e disciplina social, mas também por ter fomentado o desenvolvimento de novas mídias, como a televisão, que transmitia os jogos (BARBOSA, 2012).

Essa década conferiu ao Brasil uma explosão de sentimentos. Embora sob forte ditadura, a nação despendia sua atenção à paixão pelo maior fenômeno do esporte, capaz tirar de foco os defeitos do regime opressor (GUTERMAN, 2010). Contudo, em total contradição com o futebol masculino, a paixão nacional não se estende à prática feminina, as mulheres enfrentam antigas dificuldades de reconhecimento e legitimação.

## **Dominação masculina e futebol feminino**

A dominação masculina é entendida por Pierre Bourdieu (2010) como um sistema que perpassa as relações sociais e é absorvido pelos indivíduos. Para Bourdieu, o estado é a máquina social que confirma a dominação masculina. O poder simbólico, nas palavras do autor, é exercido sem coerção física, mas de forma muito mais automática e subjetiva, difundido através de etnias, culturas, ideologias, línguas e gênero. O uso das simbologias impulsiona ou coíbe ações, “encorajando ou desencorajando condutas impróprias, sobretudo na relação com o outro sexo” (p.35).

Em decorrência disso, confirma-se a ideia de que a força simbólica é exercida com o consentimento das subordinadas. Neste contexto, Bourdieu apresenta a violência simbólica, fruto desta agressão invisível e não declarada fisicamente que os homens exercem sobre as mulheres, as quais respondem com resignação e passividade. O monopólio das atividades públicas/eminentes pertence ao universo masculino, que determina o funcionamento do mercado de bens simbólicos. As mulheres são consideradas objetos de troca, sem influência no capital social e simbólico, sobre os quais os homens exercem o controle.

Assim, elas são “excluídas, a priori, em nome do princípio (tácito) da igualdade na honra, que exige que o desafio, que honra quem faz, só seja válido se dirigido a um homem – em oposição a uma mulher” (p.62). O meio pelo qual se pode observar

implicitamente o poderio dos homens é pela divisão do trabalho. As profissões exercidas por eles são as mais valorizadas, já as funções executadas por mulheres são consideradas fáceis e desprezíveis. Isso alimenta o conceito de superiorização do trabalho masculino. Em geral, as mulheres enfrentam barreiras para ocupar espaços masculinos, como o futebol, considerado um esporte violento e competitivo, supostamente incoerente com as características atribuídas às mulheres, argumentações que acabam por fortalecer a legitimação do poder masculino.

O primeiro registro da história do futebol feminino foi entre inglesas, em 1895, quando a oposição à prática do esporte já se evidenciava. No Brasil, as primeiras partidas de futebol feminino documentadas aconteceram em 1913, entre os times formados pelas moradoras da Cantareira, em São Paulo. Devido à falta de habilidades técnicas, a sociedade considerava o jogo praticado por mulheres apenas um momento de graça e descontração. O futebol feminino, contudo, passou por diversas fases de reconhecimento e legitimação. Nos jogos femininos de 1935, por exemplo, a modalidade não estava incluída no campeonato.

Franzini (2005) aponta que os homens julgavam as mulheres por abandonarem o papel de mãe e dona de casa, e estarem comprometendo a saúde e os órgãos de reprodução, rompendo com o processo gestacional. Mesmo com as interdições em relação ao esporte, era grande o número de mulheres que desafiavam os decretos que proibiam o esporte e participavam de competições, como os Jogos da Primavera. Assim, por meio das resistências, as mulheres ocupavam, paulatinamente, o espaço público e notoriamente masculino.

Com o surgimento do *Esporte Clube Radar*, em 1982, no Rio de Janeiro, o esporte se difundiu pelo país devido às sucessivas vitórias obtidas pelas atletas, que foram noticiadas pela mídia. O que se observou é que as manchetes ainda anunciavam as desigualdades de gênero. As matérias publicadas nos jornais revelam o machismo: “O futebol depois da louça lavada”<sup>4</sup>, “Mesa tirada, rumo à praia para o futebol”<sup>5</sup>, “Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol”<sup>6</sup>. Além disso, havia o preconceito com relação à orientação sexual das jogadoras. Deste modo, Darido (2002) aponta que para subverter esta imagem e atrair atenção do público, os requisitos dos clubes deixaram de

---

<sup>4</sup> Matéria publicada no Jornal do Brasil de 29 de novembro de 1976, no Rio de Janeiro.

<sup>5</sup> Matéria publicada em O Globo de 11 de abril de 1976, no Rio de Janeiro.

<sup>6</sup> Matéria publicada na Ih Revista de 31 de outubro de 1981, no Rio de Janeiro.

ser técnicos e deram lugar aos físicos, como foi o caso do Campeonato Paulista Feminino de 2001. À época, reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*<sup>7</sup> revelou que um dos pontos do projeto elaborado pela Federação Paulista de Futebol e pela empresa *Pelé Sports & Marketing* para o torneio condicionava seu sucesso a “ações que enalteçam a beleza e a sensualidade da jogadora para atrair o público masculino”.

De acordo com Rachel Moreno (2013), a mídia cria estereótipos utilizando conceitos europeus, e por meio deles manipula as mulheres para o consumo. O Brasil é fruto de uma rica miscigenação, mas que só prioriza o modelo construído de acordo com os padrões do mercado. Assim, a imagem da mulher permanece associada a um produto. Geralmente, ela é a dona do lar, que não tem relevância nem credibilidade, como se vê incessantemente nas propagandas de cerveja e produtos de limpeza. Ela é ora vítima, ora testemunha; raramente representa opiniões e cargos de importância.

## **Representações sociais**

A teoria das representações sociais (RS) é uma forma sociológica da psicologia social que surgiu em 1961, na Europa. Para Jodelet (1989), as RS são “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (p.36). As RS tratam de analisar a relação simbólica construída pelos sujeitos a fim de explicar o mundo em que vivem. Elas se propõem a investigar como os sujeitos sociais se apropriam da realidade social e dão um sentido a ela, em um processo que acontece a todo tempo.

De acordo com Moscovici (1978), as representações sociais são formadas a partir da transformação do não-familiar para o familiar, processo que denomina ancoragem e objetivação. Ancoragem, segundo ele, é trazer para categorias e imagens conhecidas o que ainda não está classificado e rotulado, pois o que não foi qualificado parece ser inexistente, estranho e ameaçador. A objetivação tem a função de classificar e nomear as representações a fim de estabelecer vínculos entre as categorias.

Para ele, o social é um fenômeno instável e dinâmico, consensual e reificado, mas que permite transformação pelos sujeitos sociais, pois além de ser um sistema

---

<sup>7</sup> *Folha de S. Paulo*, 16.09.2001, p.D5.

político e econômico, a sociedade também é um sistema de pensamento. Os pensamentos reificados abrangem as teorias científicas e, portanto, envolvem a objetividade. Por não ser um conjunto de representações individuais, as RS devem ser analisadas por meio dos processos de mediação social. Trabalho, comunicação, símbolos e mitos são os meios pelos quais elas são constituídas. As RS reproduzem a lembrança de um conteúdo armazenado na mente. As ciências sociais definem-nas como expressão da realidade formada por imagens que constituem o real manifestado em palavras, sentimentos e condutas socialmente institucionalizadas, as quais podem – e devem – ser analisadas através das estruturas e comportamentos. Cada grupo, por sua vez, faz da visão geral a sua, conforme interesses, classe social e a posição que ocupa naquele contexto.

O conjunto de entrevistadas foi selecionado intencionalmente, levando-se em consideração a confiabilidade das fontes em relação ao envolvimento com o assunto, baseadas nas situações pelas quais passam ou já passaram, concedendo-nos visões e relatos diversificados sobre o mesmo tema. No total, foram entrevistadas seis mulheres, com idade entre 19 e 26 anos, estudantes do ensino superior, nos meses de julho e agosto de 2014. O critério utilizado para a seleção das notícias deve-se ao emparelhamento com o objetivo da pesquisa, uma vez que, numa amostra de 20 notícias divulgadas no período da competição pelo portal, foram encontradas reportagens contendo resumo das partidas, declarações de atletas e demais conteúdos que não eram o foco da pesquisa.

## **As notícias**

A primeira notícia (“Psicóloga será 13.<sup>a</sup> jogadora da seleção de futebol feminino”<sup>8</sup>) foi divulgada no dia 24/07/2012, estreia da equipe nos jogos. A matéria inicia com a informação da derrota na Olimpíada anterior (segundo lugar) e lembra da precária estrutura da seleção, outro “trauma” a ser superado. Para isso, “até parte da estrutura da seleção masculina foi emprestada”, em referência à psicóloga Maria Helena, que vinha acompanhando as jogadoras havia quase dois meses. De acordo com

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/olimpiadas2012/psicologa-sera-13-jogadora-da-selecao-de-futebol-feminino-5577855>

a psicóloga, a falta de investimentos dos clubes e a dificuldade financeira pressionam as jogadoras a fazer o melhor para conquistarem espaço no país. Para elas, os traumas recentes são mais significativos porque quase todo o elenco atual esteve no último mundial.

A segunda notícia selecionada foi divulgada na data 27/07/2012, um dia após a estreia da Seleção nas Olimpíadas. Com o título “Em estádio vazio, Brasil abre Londres 2012 com show de ‘reserva de luxo’ no futebol feminino”<sup>9</sup>, o internauta é informado sobre a vitória fácil da seleção sobre a fraca equipe de Camarões. Fala-se sobre a expectativa em Marta e a surpresa com a jogadora Cristiane, que só entrou no segundo tempo da partida.

Com a seleção eliminada do mundial, o portalGlobo.com noticia no dia 03/08/2012: “Com Marta apagada, Brasil perde para o Japão e dá adeus aos Jogos”<sup>10</sup>. O início da matéria revela uma seleção pouco convincente nos jogos. Após perder por 2x0 para o Japão, o sonho da medalha de ouro chegou ao fim. Mais uma a vez, com Marta apagada e pouco produtiva, a seleção ficou pelo caminho, e pela primeira vez está fora das semifinais. Em comparação com a camisa 10 do Japão, Sawa, a brasileira, que outrora encantou, pouco fez para ajudar a seleção.

A última notícia, divulgada no dia 05/08/2012, anuncia a provável despedida da camisa 10 das Olimpíadas: “Abatida com eliminação, Marta põe em dúvida participação no Jogos do Rio”<sup>11</sup>. Ela afirma: “Não é que eu não vá estar, mas é difícil responder isso agora. Faltam quatro anos e muita coisa pode acontecer. Se eu estiver fisicamente bem, com gás, eu vou estar”. A eliminação para o atual campeão mundial Japão nas quartas-de-final marcou a pior campanha da seleção feminina nos Jogos. Nas duas primeiras edições, o Brasil havia ficado com o quarto lugar; nas duas últimas, ficou com a prata.

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/07/em-estadio-vazio-brasil-abre-londres-2012-com-show-de-reserva-de-luxo-no-futebol-feminino.html>

<sup>10</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/com-marta-apagada-brasil-perde-para-o-japao-e-da-adeus-aos-jogos.html>

<sup>11</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2012/08/abatida-com-eliminacao-marta-poe-em-duvida-participacao-em-2016.html>



## **Análise dos resultados**

Por meio da análise das notícias divulgadas no portal Globo.com e da percepção das entrevistadas com relação ao Futebol Feminino no Brasil, foi possível observar que os conceitos trabalhados sobre dominação masculina, machismo, mídia e preconceito ainda estão presentes nos discursos atuais. A análise do questionário dividiu-se em três partes: 1) em relação às notícias; 2) situação estrutural do futebol no Brasil e 3) preconceito de gênero.

De modo geral, as entrevistadas acreditam que as jogadoras da seleção brasileira foram mal representadas na mídia, especialmente por terem sido derrotadas de 2x0 pelo Japão nas quartas de final. Segundo elas, as qualidades técnicas que as levaram até lá foram esquecidas, e a ênfase foi direcionada para a derrota da equipe, trazendo de volta o mau desempenho considerado na edição anterior, quando se evidenciou a derrota do ouro, ao invés da conquista da prata.

É destaque também o problema estrutural, a falta de profissionais e o apoio que a seleção não possui. Para Angélica<sup>12</sup>, a ideia é passar ao público uma imagem de “coitadas”, “subdesenvolvidas”, que se abatem facilmente pelas emoções. Íris destaca o fato de que o discurso das jogadoras é distorcido negativamente, fazendo menção à matéria publicada após a eliminação do mundial: “Abatida com eliminação, Marta põe em dúvida participação nos Jogos do Rio”, em que, segundo ela, a mídia não analisa as reais condições físicas, de idade, etc. da atleta, mas sim, do rendimento a partir do aspecto emocional.

## **Situação do futebol feminino no Brasil**

De acordo com a opinião das entrevistadas, o futebol feminino ainda está carente de apoio e divulgação. De modo geral, elas atribuem o problema à cultura brasileira, que sempre difundiu o futebol – e esportes em geral – como práticas masculinas, onde a mulher nunca conquistou de fato um papel de igualdade. Por este motivo, as pessoas

---

<sup>12</sup> Nomes fictícios. Jorge Duarte, em *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*, defende que não é necessário indicar as fontes.

não se interessam pela prática das mulheres. Para Luíza, “a sociedade não compra a ideia de mulher jogar futebol”, e mantém o discurso de que “futebol é coisa para homem, mulher não sabe jogar bola”.

Indagadas sobre o apoio que o FF tem no Brasil, o conjunto das respostas aponta para uma sociedade machista, que aprecia a mulher como um objeto sexual. Por conseguinte, o futebol praticado por mulheres não se torna atraente, primeiro porque as mulheres são masculinizadas – devido ao corpo atlético, pouca maquiagem, trejeitos, uniformes largos, movimentação agressiva etc.; segundo porque saem da posição de submissão que “deveriam” ocupar. Camila entende que o reconhecimento do esporte feminino está atrelado à ideia de poder, por isso a “resistência” dos homens.

O discurso das jogadoras faz perpetuar as teorias de Bourdieu a respeito do reconhecimento das profissões exercidas pelos homens, as quais sempre foram mais nobres e valorizadas, enquanto que as funções executadas por mulheres são consideradas fáceis e desprezíveis. Deste modo, por mais que a seleção se apresente tecnicamente positiva, ela não recebe a adesão necessária para tornar o esporte legitimado, pois o reconhecimento se limita à duração dos acontecimentos. Isso é evidenciado na diferença do número de oportunidades que os jogadores têm para mostrar e desenvolver seus talentos: clubes com categorias de base, amistosos, campeonatos, jogos e estrutura básica, que garantem desenvolvimento técnico, resultados aprimorados e melhores remunerações.

Ademais, as entrevistadas acreditam que falta de títulos à seleção brasileira contribui para a falta de apoio, pois a equipe “alimenta a imagem de incredulidade” e ineficiência. Aliada à precária estrutura, está a falta de campeonatos e amistosos no intervalo dos mundiais. Clara argumenta que sem treino e possibilidade de competir com adversárias, o time sofre nos grandes e únicos eventos pressão psicológica da sociedade, que critica: “Só perde, só perde”. Daí origina-se um ciclo negativo e viciante, onde se têm desfalques técnicos, financeiros e de incentivo, que abrem espaço para maus resultados e, conseqüentemente, falta de apoio.

Neste sentido, Íris reforça o problema ao apontar que o futebol masculino tem maior apoio “porque está constantemente na mídia, participando de campeonatos, trocando de clubes, o que permite ao público se familiarizar com o jogador e acompanhar sua trajetória”. Em contrapartida, as jogadoras aparecem apenas nos

grandes eventos, geralmente de quatro em quatro anos. “O público não tem conhecimento de como anda o desempenho, a qual clube pertence, se treinam. Você não sabe nada”. Sem divulgação e proximidade contínua, não há vínculo. “Fica difícil de estabelecer aquela torcida; então é muito mais fácil apoiar o futebol masculino.”

Camila, no entanto, conceitua diferentemente a situação. Para ela, a sociedade marginaliza a mulher que joga futebol. “É fora do contexto”. A aceitação é parcial – devido aos movimentos de igualdade – mas verdadeiramente as atletas não são aceitas, e por isso, marginalizadas. “Elas saem do papel delas”. Em consonância, Angélica observa a inferioridade atribuída pelo portal Globo.com à seleção feminina. O uso da expressão “emprestou” até a psicóloga da seleção masculina reforça a ideia de que a equipe não tem sequer estrutura própria. “Elas estão simplesmente usando. Elas não têm nada. Usam dos outros”, diz Angélica.

Contrariamente ao desejo de reconhecimento, Pâmela menciona casos nos quais meninas se sentem envergonhadas de falar que jogam futebol por medo de serem estereotipadas, ou se não, receosas de jogar e serem assediada pelos homens: “Não vão mexer comigo?”. Esse ponto de vista reforça as ponderações de Bourdieu sobre a legitimação do subposicionamento, mais ou menos consciente e intencional, por meio das ideologias e discursos.

De modo geral, a sociedade não aprecia o futebol feminino, por razões já expostas. Ademais, a exposição esporádica das atletas – e a perda do título – não trazem o retorno financeiro esperado. Sendo assim, grandes marcas, instituições e clubes deixam de patrocinar a modalidade porque sabem que o retorno não é equivalente ao masculino. Uma equipe que não é divulgada, ou mesmo que não possui um bom desempenho, não vai ser vista positivamente se tiver sua imagem associada a uma marca.

Já o futebol masculino funciona em um sistema diferente e eficaz, pois os jogadores estão sempre presentes na mídia, em programas de TV, rádio etc., criando um vínculo com o telespectador, que acompanha as partidas e adquire os produtos que carregam a imagem do ídolo, o que Thompson apontava para a mercantilização dos conteúdos. Íris argumenta que esta dificuldade ainda reside no fato de que o preconceito com o futebol feminino inicia-se dentro de casa. Com relação à mídia, esta exerce importante papel na consolidação do esporte e das representações sociais, já que na

visão de Thompson é um importante instrumento de fixação de valores. Para as atletas, a falta de apoio está associada à ausência de divulgação. Para elas, “se a mídia transmitisse os jogos e incentivasse a prática, a modalidade feminina poderia se igualar à masculina.”.

## **Preconceito de gênero**

Em todos os discursos, o preconceito de gênero esteve evidente e correlacionado com as chances que as jogadoras têm de se profissionalizar no Brasil. Duas das entrevistadas relataram ter sofrido preconceito, mas não de forma agressiva. Tratava-se de situações em que pessoas ficavam “espantadas” ao saber que jogavam futebol, e por associarem a prática imediatamente com a perda da feminilidade e à homossexualidade. Em situação semelhante, Pâmela relata que já fora chamada de “ogra” pelos meninos que assistiam ao jogo.

Outras duas entrevistadas afirmaram que não sofreram preconceitos evidentes, mas de divisão social, em que “meninos jogavam bola e meninas dançavam, jogavam vôlei, handebol ou basquete”. Pelo fato de terem crescido em ambientes esportivos e sempre terem praticado esportes, os pais e amigos consideravam a prática da modalidade como mais um esporte, sem julgamento com relação à orientação sexual.

Por fim, três jogadoras disseram ter passado por situações constrangedoras de preconceito, principalmente porque quando começaram a treinar não existia time feminino, o que as obrigava a jogar com os meninos. Clara relata ter ouvido de um familiar que suas “pernas ficariam marcadas” e, portanto, teria que parar de jogar bola. Não obstante, Camila ressalta a contradição existente no discurso masculino: ao mesmo tempo em que as meninas são frágeis, e há necessidade de abrandar o jogo, elas são consideradas masculinas. Como mencionado, devido ao histórico machista no Brasil, a não aceitação do esporte inicia-se em casa. No caso das jogadoras entrevistadas, a maioria declarou ter recebido apoio parcial: os pais não proibiam, mas também não compareciam aos jogos. Segundo elas, os pais tinham receio de lesões e influência na sexualidade. Por outro lado, as jogadoras oriundas de famílias acostumadas com o ambiente esportivo foram fortemente apoiadas, inclusive com a presença dos pais nos jogos.

Quando questionadas sobre a perspectiva de profissionalização da modalidade no Brasil, a resposta foi unânime: “Nenhuma”. Embora as entrevistadas tenham recebido bolsas de estudos durante o período escolar por serem atletas, não havia esperança de profissionalização fora do ambiente acadêmico. Todas elas só veem oportunidades fora do país. Muitas já desistiram do sonho de serem jogadoras, principalmente após acompanharem a jogadora Marta – eleita cinco vezes a melhor do mundo pela Fifa – ficar sem clube. Para Camila, a graduação em Educação Física é o único meio de conciliar o trabalho com paixão pelo esporte.

## **Conclusão**

É notória a importância do futebol para a identidade nacional do Brasil. O esporte rompeu barreiras e transformou-se em um símbolo de democracia racial e social. No entanto, o país do futebol tem sua imagem associada apenas ao universo masculino, tendo em vista que os esforços para consolidar o futebol feminino têm se mostrado ineficazes. Isto é evidenciado na forma como o Portal Globo.com constrói as notícias e representa as jogadoras durante as Olimpíadas de Londres de 2012.

As seis entrevistadas deste trabalho concluíram que a representação social das jogadoras é negativa, de modo que a mídia enfatiza os aspectos contraproducentes da equipe e desvaloriza o trabalho que a mulher executa fora de casa. A cobrança maior cai sobre a jogadora Marta, cuja titulação de melhor do mundo por cinco vezes consecutivas é ignorada quando a seleção é derrotada. Neste contexto, a falta de apoio e a inferiorização do esporte reproduzidas por meio das representações sociais são atribuídas, por parte das entrevistadas, à cultura machista.

Como os meios de comunicação são regidos por interesses mercadológicos e instituições que detêm o poder e prezam pela dominação masculina, a representação social da mulher que joga futebol permanecerá negativa e subposicionada em relação aos jogadores, cuja imagem está associada à de heróis e mitos do esporte. Esta relação, por sua vez, corrobora para a situação desigual de um esporte que, segregado pelo gênero, sofre com a falta de apoio, patrocínio, divulgação e reconhecimento. Desta forma, em virtude da possibilidade exposta de reconstrução das representações sociais é preciso romper o ciclo negativo que envolve a sociedade machista, poder simbólico e

produção midiática voltada para atender aos interesses da dominação masculina, pois os meios de comunicação são pontes de disseminação das representações sociais.

## Referências

- BARBOSA, Marialva. **História de comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- DARIDO, S.C. Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. Revista da Educação Física/Unesp - **Motriz**, v8. n.2, ago, 2002. Disponível em: <<http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n1/Moreira.pdf>>. Acesso em: julho, 2014.
- DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa pra macho”? *Pequeno esboço para história das mulheres no país do futebol*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n.50. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000200012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012). Acesso em julho, 2014.
- FRISSELLI, Ariobaldo. **Futebol: teoria e prática**. São Paulo: Phorte, 1999.
- GUARESCHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.
- JODELET, Denise. **Folies et representations sociales**. Paris: Presses Universitaires de France, 1989.
- LEAL, Julio Cesar. **Futebol: arte e ofício**. São Paulo: Sprint, 2001.
- MORENO, Rachel. A Imagem da mulher na mídia: controle social comparado. São Paulo: Publisher Brasil, 2013. Disponível em: > <http://www.fisenge.org.br/portal2/?p=3118>> Acesso em: julho, 2014.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2001.